

Artes Visuais x

Dança x

Conferências e Debates x

STEVE PAXTON



CURADORIA DE ROMAIN BIGÉ E JOÃO FIADEIRO

MAR-JUL 2019





Steve Paxton no Joy of Movement Center, Cambridge, Massachusetts, janeiro 1978

Coreógrafo, bailarino e improvisador norte-americano, Steve Paxton (1939) tem moldado continuamente a face da dança nas últimas seis décadas. Paxton iniciou a sua carreira nos anos 1950, dançou com José Limon e Merce Cunningham, foi um dos fundadores do Judson Dance Theatre, fonte de criações coletivas que lançaram as raízes da dança pós-moderna, e do coletivo de improvisação nova-iorquino Grand Union. Inventou duas técnicas – Contacto-Improvisação e Material para a Coluna – e cruzou-se com artistas plásticos, como Robert Rauschenberg, tornando-se também marcante para o universo das artes visuais. Tudo isto enquanto escrevia extensamente sobre movimento (mais de cem artigos desde 1970) e atuava em espetáculos de dança improvisada por todo o mundo.

Em Portugal, o pensamento de Steve Paxton e do Judson Dance Theatre tiveram uma influência decisiva em muitos dos integrantes da Nova Dança Portuguesa, que partilhavam, em vários aspetos, as suas inquietações sobre a relação entre a arte e o quotidiano.

Honrando as múltiplas facetas do coreógrafo, a Culturgest apresenta o ciclo Steve Paxton que tem como elemento central a exposição Esboços de Técnicas Interiores, com curadoria de Romain Bigé e João Fiadeiro. A transversalidade do seu trabalho traduz-se ainda na apresentação de performances históricas em palco, uma conferência com o próprio Paxton, conversas e workshops. Trabalhando em conjunto com bailarinos e danças de escola nacionais, a Culturgest transforma-se, durante estes quatro meses, num grande museu de dança.

ESBOÇOS DE TÉCNICAS INTERIORES

Como a famosa árvore que não tinha a certeza que seria ouvida se caísse numa floresta sem pessoas, há uma maneira de ver as coisas que as tornam performance.

(Steve Paxton, 1967)

Esboços de Técnicas Interiores é a primeira retrospectiva feita sobre o trabalho e legado de Steve Paxton. Está construída à volta de um puzzle que Steve Paxton colocou persistentemente a si mesmo no estúdio de dança: o que é que o meu corpo está a fazer quando não estou consciente dele?

Durante os quatro meses da exposição, *Esboços de Técnicas Interiores* tem como objetivo transformar os espaços das galerias da Culturgest em estúdios de dança temporários, onde visitantes, bailarinos e estudantes são convidados a questionar-se sobre os seus próprios movimentos. Com a exibição de arquivos de vídeos de *performances*, entrevistas e instalações originais, a exposição é um local para rolar no chão, para se sentar, para dançar de pé, para fazer uma sesta... No fundo, para refletir sobre o movimento com um corpo-mente dançante.

A exposição está dividida em oito estudos, cada um a apontar para uma técnica interior do corpo-em-movimento na dança improvisada.

09 MAR – 14 JUL
Galerias

Sala 1 – um estudo sobre movimento pedestre

Que és tu e eu em todo o nosso comum esplendor postural diário de quem não quer saber.” A exposição começa com uma série de questões: o que é necessário para ver um movimento normal como uma dança? Existe uma maneira de olhar para as pessoas que as torna *performance*? É possível executar gestos quotidianos no palco sem os alterar?

Nos princípios dos anos 60, Steve Paxton ajudou a fundar o Judson Dance Theatre, uma aventura coletiva transdisciplinar que lançou as bases para a dança pós-moderna. Colaborando com artistas como Yvonne Rainer, Lucinda Childs, Trisha Brown ou Robert Rauschenberg, Steve Paxton iniciou uma investigação de uma década sobre os movimentos pedestres: andar, sentar, sorrir, estar de pé, praticar desporto, entre outros.

Na exposição é exibida uma instalação vídeo com base em *Satisfyin Lover* (1967), uma peça onde 42 pessoas atravessam o espaço. Aquilo que surge são, como notou a crítica de dança Jill Johnston em 1969, “os gordos, os magros, os médios, os encolhidos e os curvados, os direitos e os altos, os cambaios e os que metem os joelhos para dentro, os estranhos, os elegantes, os grosseiros, os delicados, as grávidas, os virginais, isto e aquilo...

Sala 2 – um estudo da anarquia

Como pode um coletivo inventar maneiras de dançar em conjunto sem a direção uns dos outros? Que formas são inventadas quando tentamos criar e viver sem líderes? Estas são algumas das questões que impulsionaram Grand Union, um “coletivo teatral democrático-anarquista” de nove coreógrafos, com quem Paxton realizou improvisações coletivas durante os anos 70.

“A forma é permissiva, permutadora, elástica, indeterminada. No Grand Union é constantemente inventada por nove pessoas [...] Não sabem o que criaram, mas confiam nessa criação”, observou Paxton em 1972.

Na exposição, os videoclips são projetados juntamente com uma longa *performance* de três horas na Universidade de Iowa, onde o espectador pode seguir a constante negociação, invenção, a prontidão para a mudança mostrada pelos bailarinos – aqui, o estudo da anarquia é um estudo da comunicação, do humano e da generosidade mútua.

Ao lado do Grand Union, é exibido *Air/Beautiful Lecture* (1973), uma peça criada no mesmo período, que combina imagens de um filme pornográfico com excertos do bailado *O Lago dos Cisnes*, e a emissão ao vivo do primeiro discurso

de Richard Nixon após o escândalo de Watergate. Uma lição sobre dramaturgia *queer*, onde Paxton pondera sobre a questão: “porque é que no ocidente estamos tão obcecados com o orgasmo?”



Daniel Lepkoff e Steve Paxton, numa performance no Merce Cunningham Studio, Nova Iorque, outubro 1977 © Peter Petegorsky

Sala 3 – um estudo do contacto

Janeiro de 1972: corpos, desordenados, saltam no ar, lançam-se uns contra os outros, agarram-se, caem, levantam-se, voltam a cair. Esta estranha atividade dura quinze minutos. Onze jovens em calças de fato de treino exploram as leis da gravidade nos colchões de um ginásio. Estamos no Oberlin College. A peça intitula-se *Magnesium*, um metal elementar capaz de produzir um breve e intenso brilho. Os corpos em colisão. As origens de Contacto-Improvisação. Contacto-Improvisação começa então com uma questão: o que acontece aos bailarinos quando as suas peles entram em contacto?

Durante os últimos cinquenta anos, em estúdios de dança por todo o mundo, os corpos têm vindo a rolar uns nos outros seguindo as alegrias do contacto. Entrelaçando-se, elevando-se, apoiando-se uns aos outros, perdendo o seu sentido definitivo de cima e em baixo. Por todo o mundo, os bailarinos chegam – geralmente enquanto estranhos uns para os outros – à morada da próxima sessão, um espaço para a experimentação no qual ninguém lidera e todos dançam, envolvendo-se com um sentido esquecido: o toque.

Sala 4 – um estudo da gravidade

Terráqueos, estamos ligados à terra. A nossa forma externa, os nossos movimentos, os nossos ritmos estão moldados pela gravidade mais do que outra força qualquer. Do ponto de vista da gravidade, não somos diferentes de grandes rochedos, outros grandes mamíferos ou plantas: atirado ao ar, o corpo humano irá, inevitavelmente, seguir as mesmas e simples leis balísticas e descrever uma trajetória parabólica. Há algo de profundamente reconfortante nesta permanência: onde quer que vamos na superfície deste planeta, somos invadidos por uma força que não nos deixa ficar perdidos por muito tempo.

Estudar a dança é estudar o que está subjacente ao movimento. A gravidade é uma constante nas nossas vidas humanas, os bailarinos andam e jogam com e contra a sua força, aprendendo a ceder e a sintonizar-se à sua velocidade.

Nos seus workshops, Steve Paxton proporciona sextas diárias, pois considera o sono parte do treino de um bailarino para se render à gravidade. Para os bailarinos que vão usar o espaço, para os visitantes que precisam descansar, para os habitantes da cidade que possam por ali passar, a exposição oferece um grande ninho de almofadas para escalar e testar a técnica interior da sesta. E se alguém precisar de uma desculpa para se deitar, oferecemos uma canção de embalar: a gravação de Steve Paxton a ler *Gravity*, o seu último livro, uma meditação sobre dança e movimento.

Sala 5 – um estudo da imobilidade

Não-fazer é um gesto central nas técnicas interiores de Steve Paxton, que tomou de empréstimo da arte marcial Aikido e da prática de meditação do Ioga. Uma “humildade-no-ato”, não-fazer é o estudo do que acontece quando decido não-decidir, deixando o evento decidir por mim.

Para a geração de artistas de Steve Paxton, o artista musical John Cage era o grande fornecedor desta sabedoria do não-fazer. A história é bem conhecida: Cage, curioso em saber o que significava “ouvir o silêncio”, entra numa câmara anecoica (surda) para se isolar de sons exteriores. O resultado, claro, foi o contrário do silêncio: a sua corrente sanguínea a pulsar-lhe nos ouvidos e o ritmo inevitável da sua respiração ainda presente. Para Cage, é aqui que tudo começa: quando paramos e descobrimos que nada parou apesar de tudo. A exposição exhibe a partitura da *4'33*, uma peça em três atos na qual a única palavra presente é *tacet* (literalmente: cala-te), e onde o músico, sem tocar o instrumento, convida o público estupefacto a ouvir o som

do silêncio. Em 1970, Paxton começou a trabalhar com Estar de Pé (*Standing*), o movimento análogo à peça de Cage, ao colocar a questão: o que se move quando tudo parou? A resposta é uma *Small Dance* (Pequena Dança), em que os visitantes são convidados a participar, ajudados com gravações de sons dos bailarinos a descrever a sua experiência da gravidade na postura ereta.

Desde o dia em que nasceste que tens andado imerso em gravidade. Todas as células sabem onde é o chão. Facilmente esquecível. A tua massa e a massa da terra a chamarem uma pela outra...



Steve Paxton e David Moss atuando no Dance Theater Workshop em Nova Iorque, novembro 1978 © Peter Petegorsky

Sala 6 – um estudo da desorientação

Dançar é jogar com a orientação: “como se cada célula do nosso corpo soubesse onde fica o chão”, as múltiplas rotações, inversões, levantamentos, mergulhos e quedas que um bailarino aprende ao longo da vida coloca frequentemente este conhecimento em tensão.

Após várias décadas de dançar e improvisar, Steve Paxton desenvolveu Material para a Coluna, uma série de puzzles cinéticos e movimentos *koans* para estudar a anatomia experiencial do corpo, em que os bailarinos são colocados em posições pouco comuns, confrontados com formas “perfeitas” e impossíveis e são encorajados a registar todas as tensões, todas as lacunas na consciência que surgem enquanto se movem.

Nesta sala exibimos Material para a Coluna na sua versão digital, um conjunto de vídeos que apresentam exercícios e imagens para alimentar a prática do bailarino. No teto, uma seleção de *clips* silenciosos forma o centro de *Phantom Exhibition*, uma instalação vídeo criada por Paxton, juntamente com Baptiste Andrien e Florence Corin, para fazer mergulhar o espectador nas suas experiências visuais com a gravidade.

Sala 7 – um estudo do atuar a solo

Martha Graham disse que nunca se dança sozinho: há sempre pelo menos um parceiro ausente. Neste sentido, cada uma das danças de Steve Paxton contém estudos dos parceiros: mesmo quando o bailarino atua a solo, descubram-se parceiros ocultos – gravidade, música, memórias.

Atuar a solo coloca um desafio específico ao improvisador: como podemos continuar a não nos conhecermos o suficiente para permanecer relacionados com o inexplicável? Que outros (humanos, não-humanos, ecológico) podem ser convidados para a dança e como estamos a cuidar deles?

Em 1955 e 1981, Glenn Gould gravou duas interpretações da obra *Goldberg Variations* de J. S. Bach. Em 1986, Paxton deu início a um estudo de cinco anos dessas duas gravações onde investigou sobre diferença e repetição. Poderia improvisar movimentos que nunca foram feitos antes? Como seria uma improvisação pura, sem repetições?

Uma vez interpretei duas Goldberg seguidas e isso era o tipo de coisa que pensava ser possível. Ao fazer dois espetáculos com um processo de não-processo será que iriam ser performances diferentes? Mas tendo trabalhado com Contacto-Improvisação, para tentar perceber o porquê desta coisa chamada improvisação ser reputada por não ter estrutura, continuava a encontrar uma estrutura. Em determinado momento, decidi que a estrutura era eu. Que não conseguia sair dela. Não conseguia continuar o processo porque passava o tempo a encontrar-me comigo próprio.

Sala 8 – um estudo da relação

Isto leva-nos à parte não-física desta dança: um estado de consciência e de espírito que permita a liberdade mútua, com dependência mútua. A mente é esvaziada de preconceitos e memórias, estando apenas focada nos momentos presentes, meditando nos caminhos



Steve Paxton & Lisa Nelson em PA RT, Butler's Wharf, Londres, 1978
Fotografia: cortesia Lisa Nelson

*mais fáceis e potenciais, no constructo energético,
que estão disponíveis para ambos os bailarinos.*
Steve Paxton, 1973

Steve Paxton e Lisa Nelson mudaram-se ao mesmo tempo para Mad Brook Farm, uma comuna artística na zona norte do Vermont. Construíram um estúdio de dança, editaram a publicação periódica *Contact Quarterly*, vivendo da agricultura quando não o faziam da dança, e também partilharam uma longa relação nos palcos.

Durante 25 anos, interpretaram *PA RT*, uma partitura simples de solo-dueto-solo-dueto ao som de Robert Ashley. Improvisando os seus encontros, trazendo a sua vida para o espaço que partilhavam, a sua imaginação, a sua história, personificavam duas personagens um pouco estranhas: um homem cego, muito rígido, com óculos de sol e uma face pouco expressiva; e, no caso dela, uma mulher com um bigode e uma camisa larga. Rejeitando o romantismo reducionista de um casal a dançar, *PA RT* investiga o intervalo que existe numa relação de “liberdade mútua com dependência mútua”: nem estando frente a frente, nem lado a lado, mas vivendo em mundos que, de vez em quando, se entrelaçam.

A exposição termina com imagens do seu dueto e uma instalação vídeo de *Conversations in Vermont*, uma série de entrevistas com os dois bailarinos – as suas ideias precisas sobre o que é improvisar uma vida, oferecendo um olhar próximo a esta investigação sobre técnicas interiores.

EXPOSIÇÃO

CURADORES
Romain Bigé e João Fiadeiro
DIREÇÃO DE PRODUÇÃO
Mário Valente
PRODUÇÃO
Fernando Teixeira
MONTAGEM
Bruno Cecílio
Daniel Fernandes
João Nora
Jöris Dalle
Laurindo Marta
Michael Bennet
APOIO
Sílvia Gomes
PREPARAÇÃO DE VÍDEOS
Pedro Reis

AGRADECIMENTOS

Steve Paxton
Lisa Nelson
Nancy Stark Smith
Yvonne Rainer
Danny Lepkoff
Ray Chung
Cathy Weis
Ixiar Rozas
Walter Verdin
Jurij Konjar
Alice Godfroy
Trisha Brown Archives
Florence Corin e Baptiste Adrien
(Contredanse Éditions)
Contact Quarterly
RE.AL
Thomas Lax
Delfim Sardo
Amélia Bentes
Bernardo Devlin
Vitor Rua

ESCOLAS DE DANÇA DE LISBOA

c.e.m.
Escola Superior de Teatro
Escola Superior de Dança
FOR
Fórum Dança
Faculdade de Motricidade Humana

Um agradecimento especial aos 42 habitantes de Lisboa que aceitaram participar na peça *Satisfyin Lover*.

VISITAS GUIADAS

AOS SÁBADOS
9 MAR 17:00
com João Fiadeiro e Romain Bigé
27 ABR, 18 MAI, 13 JUL 17:00
com Ana Gonçalves

À HORA DE ALMOÇO
3 ABR, 8 MAI, 5 JUN 13:00
com Ana Gonçalves

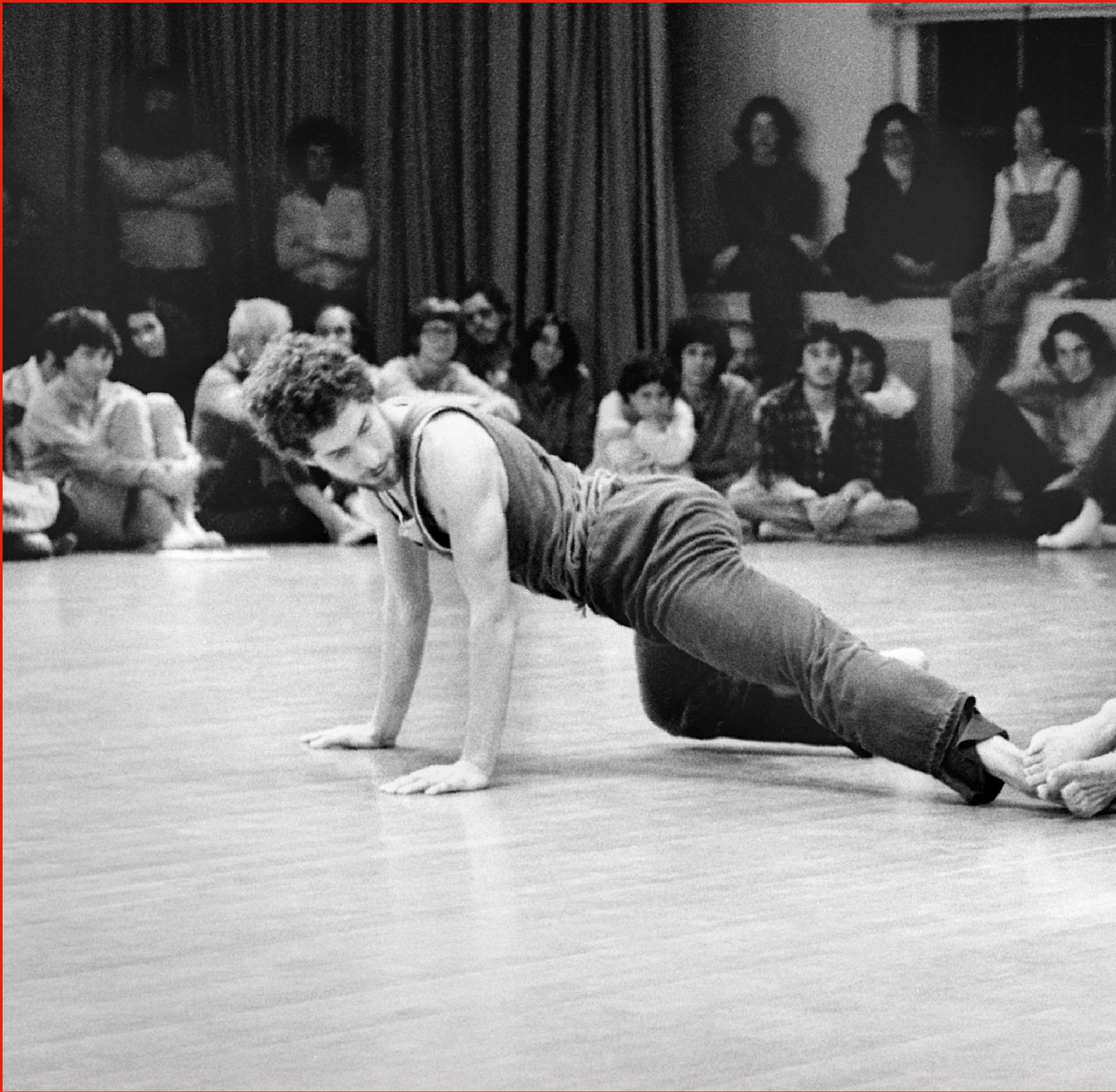
AULA CONTACTO-IMPROVISAÇÃO
MAR-JUL
Aos domingos 11:00-13:00
com Rita Vilhena
(20 pessoas / sem reserva)

MARCAÇÕES E INFORMAÇÕES

Tel. 21 761 90 78
Email culturgest.participar@cgd.pt

APOIO VIAGEM







Dança x

STEVE PAXTON: FLAT + SATISFYIN LOVER

JURIJ KONJAR: GOLDBERG VARIATIONS (AFTER STEVE PAXTON)

09 MAR
SÁB 19:00
Grande Auditório
Duração: 80 min
M/6

Conferências e Debates x Dança x

STEVE PAXTON CONFERÊNCIA

10 MAR
DOM 18:30
Grande Auditório
Entrada gratuita

SOBRE FLAT E SATISFYIN LOVER

Nos anos 60, Steve Paxton fez parte do Judson Dance Theatre, uma aventura coletiva que se tornou o laboratório para a dança pós-moderna. Criou dezenas de peças-partitura usando instruções temporais ou espaciais para olhar para os movimentos comuns.

Em *Flat* (1964), Paxton utiliza uma “partitura-fotográfica” para dar instruções ao bailarino (ele próprio) sobre gestos simples como vestir e despir, sentar-se ou andar. Em *Satisfyin Lover* (1967), 42 pessoas vão da esquerda para a direita no palco – um único caminho, uma oportunidade para testemunhar a postura singular de cada caminhante. Na Culturgest, o bailarino esloveno Jurij Konjar irá interpretar Flat e recriar *Satisfyin Lover* com 42 habitantes de Lisboa.

Em 2007, Jurij Konjar olhou para a gravação que Walter Verdin fez da obra *Goldberg Variations*, de J.S. Bach, interpretada por Glenn Gould e improvisada por Steve Paxton em 1992. Dois anos depois, começou a praticar com regularidade, interpretando a peça completa todos os dias durante o ano seguinte. O processo arrancou tornando-se uma prática que ganhou forma dentro de uma bolha do aqui-agora, como “uma hora de encontro entre a música, eu e os espectadores.”

SOBRE GOLDBERG VARIATIONS

Jurij Konjar

Há alguns anos atrás, estava à procura de uma forma de ter e manter uma prática diária minha. Para mim, “prática diária” significava um ambiente a conhecer todos os dias, algum tipo de estrutura que me permitisse entrar num recreio aberto. Após vários falhanços, esta estrutura surgiu na forma de outro trabalho de dança: uma versão em vídeo da improvisação de Steve Paxton sobre a obra *Goldberg Variations*, de J.S. Bach. Vi o vídeo vezes sem conta, na tentativa de perceber o que estava por detrás do aparente movimento da dança de Steve. Aquilo que não podia ser agarrado mas que, todavia, continuou a chamar a minha atenção. Depois tentei fazê-lo em estúdio, repetindo, observando, e aprendendo à medida que ia avançando. Imaginação, não saber, repetição e continuidade foram algumas das muitas partes essenciais do processo.

Uma parte integral da prática é que é continuamente reinventada, reagindo à sua própria “necessidade de saber”. Mais do que liderar, pretendo alimentar e seguir esse processo. Nele, tudo pode ser usado, nada deve ser guardado.

Outra parte da prática explora a estrutura e a funcionalidade do corpo, trabalhando a sequência e a força. A melhor forma de pôr isto em prática é enquanto dançamos, geralmente com um propósito específico, usando o meu treino de dança com frequência e tanto quanto possível. Embora o que eu faço se manifeste como dança, o foco do trabalho não é a dança, ou o movimento. Gosto de observar os processos que acontecem antes e enquanto o movimento ganha forma. Estou aqui para sentir, tocar, guiar, seguir e fazer escolhas conscientemente bem como inconscientemente, permitindo ao corpo encontrar um caminho, usando aquilo de que não esteja consciente no momento. O eu físico existe para desaparecer através do cuidado de si próprio, encontrando o seu próprio caminho. Ser ao mesmo tempo um parceiro igual no diálogo, uma experiência sensorial, parte do círculo. O corpo está lá para me informar com o que posso jogar – as possibilidades.

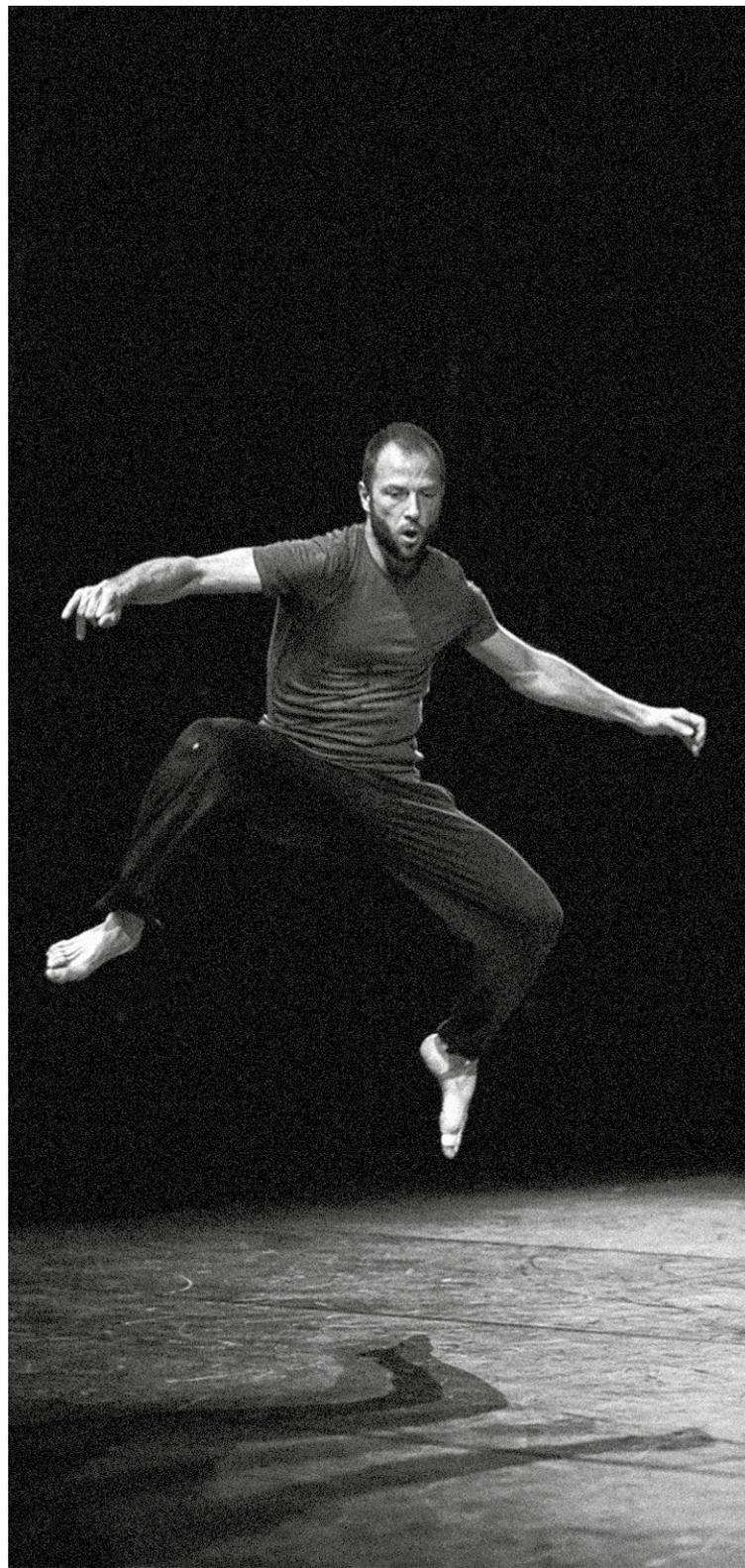
É um tradutor, um iniciador, um sistema de feedback, um recipiente. Não começa com o fluxo sanguíneo e termina com a superfície da pele, está totalmente presente e em sintonia, logo não existe, não chama atenção sobre si próprio. Na minha experiência, a sintonia exige um investimento pessoal em concentração, trabalho e tempo. Daquilo que sei e ouço de outros, o processo nunca termina uma vez que não é o lugar onde se chega mas o lugar para observar todos os dias, nem começando nem terminando nas fronteiras do estúdio. Para além disso, é um lugar que é diferente para cada um de nós.

FLAT (1964)
DE Steve Paxton
INTERPRETAÇÃO Jurij Konjar

SATISFYIN LOVER (1967)
DE Steve Paxton
COORDENAÇÃO Jurij Konjar

GOLDBERG VARIATIONS (1986/2010)
DE Jurij Konjar
BASEADO NA OBRA DE Steve Paxton

LUZ
Robrecht Ghesquiere
MÚSICA
Goldberg Variations de Johann
Sebastian Bach, interpretado por
Glenn Gould (1981)
AGRADECIMENTOS
Steve Paxton e Lisa Nelson
PRODUÇÃO
Jurij Konjar
COPRODUÇÃO
Tanzquartier Wien
APOIO
Ministério da Cultura da Eslovénia



OUTROS MODOS DE VER #2 STEVE PAXTON

Artes Visuais x Performance x

Famílias x Escolas x

TIAGO CADETE COM LEONOR CABRAL

Em 1972, o crítico de arte e historiador John Berger publicou *Modos de Ver*, livro inspirado na série televisiva homónima da BBC sobre o modo como as imagens que vemos nos afetam e também refletem e, principalmente, influenciam aspetos da sociedade em que vivemos. A série foi um fenómeno de popularidade transversal a diferentes públicos e o livro continua a ser uma referência nas Artes Visuais, por ter revolucionado a forma como o público usufrui as obras de arte.

Inspirado no ensaio de Berger, Tiago Cadete desenvolveu a performance *Outro Modos de Ver* com o objetivo de criar uma nova relação entre o público e as obras de arte de uma exposição.

Esta é a segunda edição da performance, desta vez sobre a exposição de Steve Paxton, *Esboço de Técnicas Interiores*. Através da ativação do corpo no espaço expositivo e com a ajuda de um manual, os participantes são desafiados a verem as obras do coreógrafo norte-americano a partir de uma perspetiva diferente, e levados a refletir sobre a sua própria visão do mundo através da arte de Paxton.

Tiago Cadete nasceu em Portugal e atualmente vive entre Lisboa e o Rio de Janeiro. O seu trabalho situa-se na fronteira entre teatro, dança e artes visuais e tem sido apresentado em teatros e festivais por todo o mundo.

20-23 MAR

Escolas

20 QUA 10:30, 14:30

21 QUI 10:30, 14:30

22 SEX 10:30, 14:30

Famílias

23 SÂB 16:00

Galerias

Duração: 40 min

M/6

04-07 JUN, 10:00-16:00
CONTACTO-IMPROVISAÇÃO

com Patricia Kuypers

Contacto-Improvisação é a prática do encontro consigo mesmo e do seu parceiro, de tocar e ser tocado, de tratar da relação. Este workshop parte da questão: como acordar a quantidade certa de atenção e relaxamento para abrir os nossos sentidos ao que está lá, e estimular a habilidade de responder criativamente ao que sentimos? Cada dia trará um novo acesso a uma forma de ouvir, começando umas vezes com um aquecimento bastante físico e energético, outras vezes por observar e ajustar os sentidos antes de dar início à dança.

11-14 JUN, 10:00-16:00

AGIR O PENSAMENTO. PENSAR A AÇÃO

com Romain Bigé / João Fiadeiro

“How do you know you are not improvising?”

17-19 JUN, 10:00-17:00

20 JUN, 10:00-13:00

MATERIAL PARA A COLUNA

com Otto Ramstad

Steve Paxton desenvolveu Material para a Coluna por volta de 1986 como uma forma de explorar as possibilidades de movimento dos músculos que estão em volta da coluna, bem como as ligações entre cabeça, pélvis, vértebra, omoplata e mãos. Esta prática a solo tem por base exercícios específicos, puzzles corporais e um imaginário ideocinético. Com Material para a Coluna podemos cuidar dos nossos corpos na esperança de preservar as nossas capacidades de movimento e, ao mesmo tempo, arquivamos esse trabalho. O que há a preservar e cuidar num sistema de movimentos? Uma dança? Um corpo?

MAR-JUL

TODOS OS DOMINGOS, 11:00-13:00

AULA DE CONTACTO-IMPROVISAÇÃO

com Rita Vilhena e convidados

Todos os domingos durante o período da exposição *Esboços de Técnicas Interiores*, realiza-se uma aula de Contacto-Improvisação nas Galerias.

WORKSHOPS

Dança x

04-20 JUN

Pequeno Auditório

Inscrições: info@re-al.org

QUATRO LEITURAS A PARTIR DE PAXTON

Conferências e Debates x Dança x

MAR-JUN

Foyer das Galerias

Duração: 90 min

Entrada gratuita

Em português e inglês

21 MAR

QUI 18:30

ESTÁ A DANÇAR AGORA?

(SOBRE MOVIMENTOS DE PEDESTRES)

com Paula Caspão

Escritora e artista, investigadora de pós-doutoramento (Faculdade de Ciência e Tecnologia) e docente no Centro de Estudos de Teatro da Universidade de Lisboa (CET/FLUL). Investigadora associada no Centro de História Contemporânea, Universidade Nova de Lisboa (IHC/UNL). Doutorada em Filosofia (epistemologia e estética) pela universidade de Paris-10, foi *visiting scholar* no departamento de Estudos de Performance da Universidade de Nova Iorque (2018). Atualmente investiga os gestos, as ecologias e as poéticas implicadas nas práticas específicas e nas formas de trabalho (i)material que constituem o museu, o arquivo e o fazer histórico. Explorando procedimentos de contaminação entre as práticas coreográficas e as práticas teóricas e/ou documentais, o seu trabalho artístico e teórico tem sido apresentado através da Europa, Austrália e EUA desde 2005. É autora de *Relations On Paper* (2013), editora de *The Page As a Dancing Site* (2014) e *Pièces Assemblées* (2017).

30 MAI

QUI 18:30

A DANÇA SOLO EXISTE?

(SOBRE A RELAÇÃO)

com Vera Mantero

Vera Mantero estudou dança clássica com Anna Mascolo e integrou o Ballet Gulbenkian entre 1984 e 1989. Tornou-se um dos nomes centrais da Nova Dança Portuguesa, tendo iniciado a sua carreira coreográfica em 1987 e mostrado o seu trabalho por toda a Europa, Argentina, Uruguai, Brasil, Canadá, Coreia do Sul, EUA e Singapura. Desde 2000 dedica-se também ao trabalho de voz, cantando repertório de vários autores e cocriando projetos de música experimental.

Em 1999 a Culturgest organizou uma retrospectiva do seu trabalho até à data, intitulada *Mês de Março, Mês de Vera*. Representou Portugal na 26.ª Bienal de São Paulo 2004, com *Comer o coração*, criado em parceria com Rui Chafes. Em 2002 foi-lhe atribuído o Prémio Almada (IPAE/Ministério da Cultura) e em 2009 o Prémio Gulbenkian Arte pela sua carreira como criadora e intérprete.

6 JUN

QUI 18:30

**O QUE FAZ O MEU CORPO QUANDO
NÃO ESTOU CONSCIENTE DELE?**

(SOBRE A PRÁTICA)

com Patricia Kuypers

Patricia Kuypers começou a trabalhar em improvisação e na técnica Contato-Improvisação depois de um encontro determinante com Steve Paxton, em 1983. Desde então, desenvolve a sua prática criativa em performance de colaboração e através do ensino. Há muito associada da Contredanse (Bruxelas), escreveu sobre dança e desenvolveu uma pesquisa sobre improvisação intitulada *The inner score*. Mantém uma parceria de longa data com Franck Beaubois com quem apresenta performances multimedia e *in situ* com recurso a dispositivos interativos e sistemas de vídeo em tempo real. Os seus projetos incluem colaborações múltiplas e outras parcerias com músicos experimentais, bailarinos, designers de luz e artistas de vídeo.

25 JUN

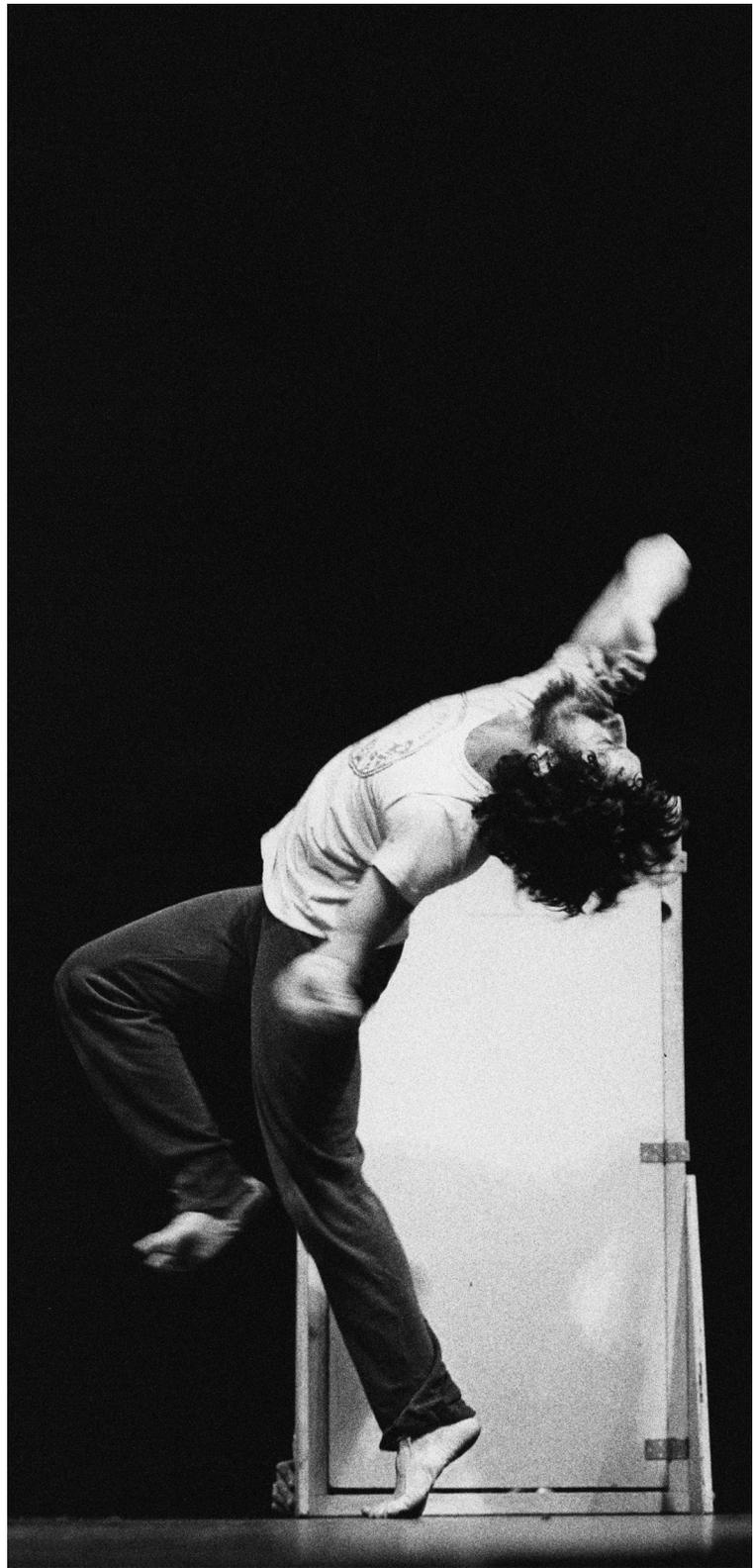
TER 18:30

É HORA DE TENTAR A ANARQUIA?

(SOBRE A IMPROVISAÇÃO COLETIVA)

com Rita Natálio

Rita Natálio nasceu em Lisboa em 1983. É atualmente doutoranda em Estudos Artísticos na FCSH-UNL e Antropologia na FFLCH-USP, com bolsa FCT, onde pesquisa o recente debate sobre Antropoceno e o seu impacto sobre a redefinição disciplinar das relações entre arte, política e ecologia, particularmente no caso do cinema indígena e da etnografia contemporânea. Estudou Artes do Espetáculo Coreográfico na Universidade de Paris 8 e é mestre em Psicologia pela PUC-SP onde estudou a obra de Gabriel Tarde sobre imitação e invenção aplicada às redes sociotécnicas contemporâneas. A sua atividade principal centra-se nas áreas da poesia, ensaio, dramaturgia e performance. Interessa-se pelo formato conferência-performance, apresentando as suas propostas ora em contextos académicos ora em contextos artísticos.



PROGRAMA MAR-JUL



ESBOÇOS DE TÉCNICAS INTERIORES	09 MAR - 14 JUL		
FLAT + SATISFYIN LOVER + GOLDBERG VARIATIONS STEVE PAXTON / JURIJ KONJAR	09 SÁB	MAR	19:00
CONFERÊNCIA COM STEVE PAXTON	10 DOM		18:30
OUTROS MODOS DE VER #2 STEVE PAXTON	20-22 QUA QUI SEX		10:30, 14:30
	23 SÁB		16:00
QUATRO LEITURAS A PARTIR DE PAXTON			
ESTÁ A DANÇAR AGORA?	21 QUI	MAR	18:30
A DANÇA SOLO EXISTE?	30 QUI	MAI	18:30
O QUE FAZ O MEU CORPO QUANDO NÃO ESTOU CONSCIENTE DELE?	06 QUI	JUN	18:30
É HORA DE TENTAR A ANARQUIA?	25 TER		18:30
WORKSHOPS			
CONTACTO-IMPROVISAÇÃO	04-07	JUN	10:00-16:00
AGIR O PENSAMENTO. PENSAR A AÇÃO	11-14		10:00-16:00
MATERIAL PARA A COLUNA	17-19		10:00-17:00
	20		10:00-13:00
AULA SEMANAL CONTACTO-IMPROVISAÇÃO	MAR-JUN TODOS OS DOMINGOS		11:00-13:00

Outras exposições

JOÃO
ONOFRE

Artes Visuais x

ONCE IN A LIFETIME
[REPEAT]

16 fevereiro - 19 maio 2019
Galerias

IRMA BLANK

Artes Visuais x

BLANK

29 junho - 08 setembro 2019
Galerias

Culturgest